

DIRETORIA

Diretor-Presidente: *Luiz Fernando Ferreira Levy*
Diretor Vice-Presidente de Operações: *Henrique Alves de Araújo*
Diretor Vice-Presidente Editorial: *Mário de Almeida*

Diretores Executivos

Claudio Lachini
Miguel Angelo Magalhães Dyna
Roberto de Souza Ayres

Página A-2

■ Observador ■

O PIB estimado do 1º trimestre

No sentimento de paz alusivo a esta data, porém constrangido em razão do tema, vosso observador bate ponto outra vez no assunto do cálculo oficial do Produto Interno Bruto (PIB), como divulgado pela agência estatística federal para o primeiro trimestre do ano. Como se recorda, o número do IBGE, uma expansão de precisos 3,08%, espicçou aqui um comentário ácido, que concluiu recomendando mudança radical no sistema de cálculo. Resposta educada do pessoal encarregado dessa apuração defendia métodos e resultados, o que foi também registrado com discrição.

Pois agora circulam, impressas, todas as listas setoriais que figuram nessa conta. E a verdade é simples: os números do IBGE que medem o PIB trimestral não expressam corretamente o nível da atividade brasileira. O setor agropecuário (peso 8%) caiu 0,8% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. A indústria (peso 32,3%) cresceu 5,7%. E os serviços (peso 59,7%) ganharam, segundo estatísticas oficiais, 2,2%.

Na média ponderada, obtém-se os 3,08% publicados. Mas o problema está no interior da conta de serviços. Ali figuram o comércio (peso 6,9%), que aumentou 3,8%, e os transportes (peso 2,8%), que também cresceram 3,8%. O resto, que são comunicações, finanças, governo, alugueres e o resto das atividades terciárias, conjunto que representa a metade da renda nacional, entra como estimativas apoiadas no desempenho do primeiro trimestre de 1999. Ali é que mora o pecado, pois, se o número

oferecido às comunicações, robustos 8,7%, até poderia ser transportado de um ano a outro, a cifra atribuída ao crescimento do governo, discretos 1,2% para setor com peso de 14,5% no PIB, oculta brusco aumento na receita nos últimos meses.

É provável que a consistência e a vitalidade da expansão durante todo este segundo trimestre irão determinar um ajuste nas estimativas, de modo a engordar significativamente a cifra referente ao período, que sairá em versão preliminar em meados de agosto próximo. Mas isso é remendo e as coisas não podem ficar assim numa época de inflação minúscula e de ajustes cada vez mais delicados na taxa básica de juros.

O Brasil, a matemática e a lógica dos algoritmos merecem coisa melhor.

* * *

A forte demanda para itens de maior valor unitário, carros à frente, acentuará o deslocamento da rentabilidade para setores da economia moderna.

É um clássico dos manuais de administração: a longa prosperidade norte-americana que começou na década de 40 e durou até o começo dos anos 70 não ajudou em nada a recuperação dos pequenos armazéns familiares do interior, devastados pela depressão que se seguiu à quebra de 1929. Ao contrário, ganharam as redes com poder de compra crescente, Wal-Mart à frente, numa revolução que lá sacudiu para sempre a atividade da distribuição.

A presente expansão brasileira não vai restaurar margens: fará migrá-las com força crescente.